

I SEMARX  
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)  
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

***Representações e Conceitos da Nova Dinâmica do Capital: centralidade do trabalho e tendência decrescente do valor de uso das mercadorias.***

*Edelvino Góes Filho ( Mestre em Economia pela UFBA e professor universitário da FIB e Unyahna)*

O objetivo da apresentação é separar a essência da aparência dos fenômenos atuais, manifestado em duas discussões básicas, são elas: a perda ou não da centralidade do trabalho e os efeitos da tendência decrescente do valor de uso das mercadorias. Será utilizado como referencial teórico os trabalhos de István Mészáros (Universidade de Sussex) e Ricardo Antunes (Unicamp). Ao final da apresentação pretende-se traçar um paralelo entre os dois conceitos, e suas respectivas representações, de modo que revelem evidências do capitalismo, seguindo o entendimento metodológico de Marx que considerou “supérfluo se a forma fenomênica e a essência das coisas coincidissem imediatamente”.

A escolha desses autores ocorre pelo interesse de ambos em aprofundar e atualizar a perspectiva revolucionária de Marx, separando os componentes do núcleo central (interior) do modo de produção capitalista das formas que este pode tomar historicamente. Evidentemente, não será possível discutir a totalidade da obra dos mesmos, por isso foram escolhidos dois aspectos centrais para a compreensão dos novos ditames do capital, evitando, entretanto, o risco da fragmentação.

O pouco cuidado com o uso dos conceitos e suas representações pode ser exemplificado no termo correntemente usado de empregabilidade que é inadequado, pois inverte a relação causal. O fato é que existe uma conseqüente e crescente impossibilidade de reprodução dos trabalhadores fora do seu vínculo subordinado ao capital.

O processo de transformação da forma de produzir do capitalismo leva a uma intensa discussão da centralidade do trabalho. Alguns autores acreditam num deslocamento da importância do trabalhador como classe e fonte de trabalho abstrato, enquanto outros atestam apenas uma mudança de conteúdo (ou de morfologia).

Em David Ricardo a troca é feita para satisfazer necessidades, enquanto em Marx é para ampliar o padrão de acumulação. De acordo com Mészáros “a completa subordinação das necessidades humanas à reprodução do valor de troca - no interesse da auto-realização expansiva do capital - tem sido o traço mais notável do sistema de capital desde sua origem”. Desse modo, separam-se as funções produtivas e de controle do trabalho social entre aqueles que produzem e aqueles que controlam, isso cria sérias assimetrias no acesso a renda disponível. O limite do crescimento não é mais as condições de produção e sim de distribuição, o que corrobora para a constatação no mundo atual do aumento da produtividade acompanhado do aumento da pobreza (inclusive dos incluídos).

I SEMARX  
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)  
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

Outro defeito estrutural do sistema de metabolismo social é o fato da produção e consumo adquirirem uma “independência problemática”. A tendência decrescente do valor de uso das mercadorias, ao reduzir sua vida útil, agiliza o ciclo reprodutivo e amplia a demanda por reposição; tornando-se um dos principais mecanismos de crescimento da presença do capital. Cria-se assim uma tendência a autodestruição, o que torna a produção socialmente mais custosa, como acentua Mészáros: “A esse respeito é suficiente pensar na selvagem discrepância entre o tamanho da população dos EUA – menos de 5% da população mundial – e seu consumo de 25% do total dos recursos energéticos disponíveis. Não é preciso grande imaginação para calcular o que ocorreria se os 95% restantes adotassem o mesmo padrão de consumo”.

Há um certo ritmo de acumulação de capital que é dado em última análise pela população explorável (exército industrial de reserva) e pela tecnologia disponível e potencial. Sabidamente o capitalismo tem crescido a taxas menores, o que assevera maior concentração e centralização do capital (em crise a concorrência se exacerba). A economia capitalista não se expande de modo estável e linear e sim de forma instável e descontínua.

As mudanças atuais são de conteúdo, - o que define o trabalho produtivo é o critério de valorização e não de produção material - logo o deslocamento do capital da indústria para os serviços não altera a questão básica da acumulação. O modo de produção dominante demonstra a todo momento a sua incapacidade de gerar trabalho assalariado como forma predominantemente de inserção social e acesso à renda. Isso rebate inclusive num crescimento dos movimentos sociais fora da esfera de produção, como os movimentos étnicos, raciais, gênero e ecológicos, o que pulveriza as lutas políticas. A lei de tendência à queda do valor de uso das mercadorias é um requerimento da aceleração da metamorfose da mercadoria em dinheiro, diminuído a rotação do capital, e, por conseguinte, retroalimenta as pressões dos movimentos sociais, notadamente ligados a agenda ambiental.